

Bom dia a todos e a todas.

Não é fácil começar a manhã com um tema tão difícil de falar e de ouvir falar mas que felizmente tem saído da sua concha tabu para a lista das grandes preocupações de um número cada vez mais significativo de pessoas que ouve os gritos de socorro de milhares de crianças, raparigas e mulheres.

A primeira vez que percebi o que significava Mutilação Genital Feminina foi através de um relato impressionante e determinante para que a partir daí não me pudesse calar mais. Estava num encontro de Embaixadores de Boa Vontade das Nações Unidas em Nova Iorque, no final de um dia de trabalho, no bar do hotel e Waris Dirie, uma ex manequim da Somália, muito bonita começa, de uma forma compulsiva, a explicar-nos (éramos cerca de 6 pessoas) que a vida dela tinha acabado há muitos anos e que por isso tinha aceite o doloroso desafio da ONU para dar o seu testemunho pessoal ajudando a promover a eliminação da prática. Sem nenhum brilho no olhar e uma evidente dificuldade em tomar conta da sua intimidade porque para si ela já não existe, foi-lhe roubada em criança, contou-nos que nunca teve prazer nas suas relações sexuais e que o amor está para sempre comprometido. Não sabe o que é poder amar e não acredita que a possam alguma vez amar. Contou também os pormenores arrepiantes de como ainda hoje sente a dor do corte e os pés a latejar devido aos imensos quilómetros que percorreu a fugir sem rumo pelo deserto. A história dela já é conhecida, resultou num livro e num filme, Waris é a Flor do Deserto e apesar de ter conseguido uma carreira de sucesso, nunca até agora conseguiu ser feliz. Ouvir na primeira pessoa, revolta.

Em muitos dos países onde existem práticas tradicionais nefastas à saúde e aos direitos das mulheres e crianças, também há, de ano para ano, cada vez mais ONG, programas, profissionais e responsáveis políticos a trabalhar nos corredores do poder, nas salas de aula, nas comunidades, nas Comissões Parlamentares e nos Ministérios para que o Fim da MGF seja uma realidade. Mas infelizmente há muitos entraves, muitos obstáculos.

O segredo, a dimensão cultural e económica pesam na decisão de falar e de dar o testemunho. Ser mulher excisada é ter sido mutilada também na sua identidade e vontade. É ter visto a sua vida familiar e a sua saúde sexual e reprodutiva condicionada a uma prática imposta por uma tradição que já questionam em privado e entre iguais.

A MGF vem associada ao mundo simbólico e privado que estas mulheres se habituaram a ver como superior aos seus próprios direitos humanos e isso é necessário entender. A vitimização, o ser olhada como diferente pela sua intimidade, o testemunho que implica falar de parentes e amigos, o repto de crime e cadeia, exigem que para falar de Mutilação Genital Feminina estas mulheres tenham também de ser ouvidas nas outras vertentes da sua vida. Exigem que a sua capacitação seja prioritária e respeitada.

Quando em Julho de 2010 estive na Guiné-Bissau a gravar mais um documentário “Dar Vida sem Morrer” e algumas reportagens para a série de programas “Príncipes do Nada,” tive a oportunidade, com o UNFPA e responsáveis guineenses, de conhecer alguns dos progressos que estão a ser feitos com vista ao Fim da MGF . Falei com muitas mulheres excisadas e com uma fanateca convertida que muito me impressionou. Num silêncio constrangedor, mostrou-me a sua faca e recolheu-a num acto de reconhecimento dos direitos humanos. A alternativa encontrada para a sua subsistência foi eficaz. Passou toda uma vida a fazer aquilo que achava que tinha de fazer.

Por outro lado apercebi-me também dos desafios que se colocam com as comunidades migrantes, quer aquelas que chegam de países vizinhos onde existe uma Lei que criminaliza, quer as que partem para países da diáspora.

Há protocolos, há programas, há folhetos, há debates, há notícias nos jornais e há sobretudo uma enorme vontade de mudar em prol da Saúde e dos Direitos das Mulheres e Crianças, numa consciência clara da urgência em se cumprirem os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio .

As ONG guineenses, o Comité Nacional, os profissionais e o governo, com o apoio de algumas cooperações internacionais e das NU estão atentos e actuantes. Acreditam no abandono pelas comunidades, têm exemplos concretos, foi montada uma rede de trabalho com as fanatecas, algumas deputadas estão a trabalhar arduamente, há um diálogo aberto, existe inclusivamente uma proposta de **Estratégia Nacional e Quadro de Referência para o Abandono da Prática da Excisão na Guiné-Bissau**,(uma iniciativa conjunta liderada pelo Ministério da Mulher, Família, Coesão Social e Luta Contra a Pobreza)...mas a verdade é que também **há uma enorme e grave ausência de financiadores para o trabalho nesta matéria, que se reflecte nos avanços ou nos recuos.**

Desejo muito que as mulheres guineenses num curto prazo de tempo, possam partilhar e argumentar com maior facilidade, as razões porque querem o Fim da Excisão Genital Feminina que não são nem podem ser objectivos colaterais da Igualdade, da Saúde da Mulher, da Saúde Infantil, da prevenção do VIH/SIDA, ou da Cidadania.

As mais de 140 milhões de mulheres que no seu país de origem ou de acolhimento vivem com as cicatrizes no corpo e na memória, são vitimas reais desta cultura de discriminação com base no género.

Em Setembro durante a Cimeira do Milénio foi possível confirmar a importância de alguns dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio para uma maior justiça social global...

Curiosamente, há avanços substanciais no acesso das raparigas ao sistema de ensino, mas a sua permanência não vai para além do 2º ciclo do ensino básico...porque em muitos países a escola ainda não é um lugar seguro e protector para as meninas.

Hoje em dia existem mais mulheres em cargos de poder e decisão, no entanto sem correspondência ainda com leis e orçamentos que tenham presente a dimensão de género.

E infelizmente no que se refere à Saúde Materna, Neonatal e Prevenção do VIH/SIDA os avanços são menos evidentes e sustentáveis porque frequentemente se esquecem da coerência entre políticas e das prioridades orçamentais de que tanto tem falado o Secretário Geral Ban-Ki-moon.

Dizer urgente é pouco...falar do futuro é longínquo. As mais de 3.000 meninas que são mutiladas todos os dias no mundo, não desculpam a burocracia dos documentos oficiais, os estudos repetidos, os planos adiados ou a rubricas dos orçamentos que apenas as referem.

No entanto não posso deixar de ficar satisfeita por hoje se assinalar o contributo de Portugal, no contexto da CPLP e da União Europeia para o Fim da MGF...porque também existem em Portugal, na Europa e noutros países lusófonos crianças em risco, raparigas e mulheres mutiladas. Desejo sinceramente que tenhamos além do engenho e arte, a capacidade de mobilizar e também de tornar reais os mecanismos políticos e os recursos financeiros para as acudir.

Tenho gravados excertos de conversas que tive com algumas mulheres excisadas. Lembro o tom sumido do seu discurso. O volume baixo do receio. São palavras de guerreiras que sobreviveram a uma barbárie apenas porque nasceram mulheres. Como a Fatumata de 40 anos:

*“Estava contente porque ia passear com a minha mãe e as minhas tias. O meu pai tinha viajado. Eu tinha 7 anos. Lembro-me da cara da fanateca, das mãos enrugadas e da lâmina envolta em trapo vermelho. Lembro-me de sentir um peso grande e do grito abafado pelo pano que depois me amarrou as pernas para evitar que me mexesse. “ Ou a Mariama de 58 anos:*

*“Lembro-me de tudo, mas custa falar porque dói outra vez ....das dores que tive no casamento, de ter sido rasgada e de sangrar muito. Lembro-me de ver as meninas a correr quando ouviam os tambores e eu desejar só ter filhos homens” . Ou ainda da Ari de 43 anos:*

*“Nas férias fui com as minhas primas para casa da minha avó que vivia noutra região. Eu tinha 5 anos. Quando cheguei lembro-me de haver festa e de mudar de roupa. Depois só me lembro de ver a minha mãe a chorar baixinho e o meu pai a tratar de mim. Eu sou Enfermeira e nunca engravidei porque o corte foi muito profundo, a infecção foi grande e mal curada”.*

Em cada uma destas mulheres há uma activista, uma companheira, uma líder na Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina. É por elas e com elas que aqui estou hoje. É pelas suas filhas, netas, sobrinhas e famílias que aqui estamos todos.

Muito obrigada,

Catarina Furtado

Embaixadora de Boa Vontade do UNFPA

08/02/2011

Maternidade Alfredo da Costa

Cerimónia Oficial que assinala o Dia Internacional pelo Fim da MGF